

LOIS DUNCAN

POR UM
CORREDOR
ESCURO

minotauro

Tradução

Pedro Sette-Câmara

 Planeta

minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Lois Duncan, 1974
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Pedro Sette-Câmara, 2017
Todos os direitos reservados.
Título original: *Down a Dark Hall*

Preparação: Thais Rimkus
Revisão: Alice Camargo e Renata Lopes Del Nero
Diagramação: Abreu's System
Capa e ilustração de capa: Filipa Damião Pinto / Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Duncan, Lois, 1934-2016

Por um corredor escuro [livro eletrônico] / Lois Duncan ;
tradução de Pedro Sette-Câmara. -- São Paulo : Planeta, 2021.

208 p.

ISBN 978-65-5535-301-3 (e-book)

Título original: *Down a Dark Hall*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Sette-Câmara, Pedro

21-0122

CDD: 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. ficção norte-americana

2021

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
São Paulo-SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Capítulo 1

Eles estavam dirigindo desde o alvorecer, mas nas últimas duas horas, desde que tinham saído da rodovia e tomado a estradinha tortuosa daquela região montanhosa, Kit Gordy estava dormindo. Não um sono profundo, porque parte da mente dela tinha permanecido acordada, consciente das curvas da estrada, do fraco calor do sol de setembro entrando pela janela e aquecendo seu cabelo, e das duas vozes no banco da frente: a da mãe, suave e cadenciada, e a de Dan, grave e constante.

Mesmo desperta, Kit mantinha os olhos fechados e a cabeça apoiada no encosto do banco. Assim, evitava participar da conversa. *Não tenho nada para falar com eles*, dizia a si mesma. *Não quero conversa*.

Quando o carro parou, Kit abriu os olhos. Então, viu a mãe virada de lado, olhando para ela.

— Oi, dorminhoca — disse a sra. Rolland. — Você perdeu várias paisagens do campo, estava muito bonito. Pastos, riachos, o mar de morros... Parecia um livro de ilustrações.

— É mesmo? — perguntou Kit, com desinteresse. Ela se endireitou no assento e olhou pela janela. — A gente parou aqui para abastecer?

— Para abastecer e pedir orientação — disse Dan Rolland. — Pelo mapa, aqui deve ser Blackwood Village, mas eu não vi nenhuma placa. A gente não deve estar longe da escola. A

carta de Madame Duret dizia que ficava uns dezesseis quilômetros depois da cidade.

O posto de gasolina era pequeno. Tinha apenas uma bomba e um atendente, que podia ser visto pela porta aberta, sentado com os pés apoiados na caixa registradora, lendo uma revista. Kit olhou a rua estreita, cuja única quadra tinha uma fileira de estabelecimentos comerciais: uma mercearia, uma farmácia, uma loja de ferramentas e uma loja de presentes com itens da moda na vitrine.

— Estamos no meio do nada — disse ela. — Nem cinema tem.

— Acho simpático — comentou a sra. Rolland. — Cresci numa cidadezinha igual a essa e era uma delícia, não tinha barulho, não tinha pressão, todo mundo se conhecia. Eu não sabia que ainda existiam lugares assim.

— Quando a gente voltar da Europa — disse Dan —, talvez encontre algum lugar assim. Para morar, quero dizer. — A voz dele era delicada (*falsa*, pensou Kit), como se tivesse saído de um programa de TV que passa aos domingos à tarde.

A mãe dela não parecia pensar assim. Ela sorriu e inclinou a cabeça, parecendo uma menina, apesar das marcas de expressão no canto dos olhos e do fraco brilho prateado em seu cabelo escuro.

— Será? — perguntou ela. — Mas, Dan, e o seu trabalho...

— Não é só nas cidades grandes que existem advogados. Nas pequenas também. E se eu simplesmente largasse o direito e abrisse um cinema em Blackwood Village?

Eles riram juntos, e Kit virou o rosto.

— No meio do nada — resmungou ela, de novo. — Um ano inteiro aqui?! Não vou aguentar.

— Eu não ficaria preocupado. — A delicadeza tinha ido embora da voz de Dan. — Duvido que você venha muito à cidade. Sua vida vai ficar bem centrada na escola.

Ele deu uma buzinada, e o atendente ergueu a cabeça, sobressaltado, então fez uma pausa para adequar-se ao chamado e, com calma, apoiou a revista no balcão. Espreguiçou-se, bocejou e, por fim, ficou de pé para seguir, contrariado, até o carro.

— Gasolina? Pode colocar e depois pagar lá dentro.

— Vou fazer isso — disse Dan. — Mas também queria uma informação. O senhor sabe como chegar à Escola Blackwood para meninas?

— Isso fica por aqui? — O homem parecia desconcertado.

— É um colégio interno. A diretora se chama Madame Duret. O endereço para correspondências é em Blackwood Village, mas acho que a escola em si fica fora da cidade. Antigamente era a casa de um homem, um tal de Brewer.

— Ah, a casa do Brewer! — O homem acenou com a cabeça, como quem tinha entendido. — Bem, claro que sei onde fica. Eu ouvi falar que uma senhora estrangeira tinha comprado aquilo. Ela chamou algumas pessoas da cidade para irem lá no verão e darem uma arrumada no lugar, consertar o telhado, o piso e tudo mais. Acho que ela contratou a Natalie, filha do Bob Culler, para trabalhar na cozinha.

— O senhor saberia nos dizer como chegar lá? — perguntou Dan, com paciência.

— É bem fácil. É só seguir por essa estrada que atravessa a cidade até o outro lado. Você vai subir as montanhas e ver uma estrada particular à esquerda.

Ele se virou e voltou para dentro. Kit suspirou, apoiando outra vez a cabeça no banco.

— Querida, por favor. — A mãe a olhou com uma expressão preocupada. — Dê ao menos uma chance à escola. Eram tão bonitas as imagens daquela casa antiga e maravilhosa, com o lago e o bosque em volta; além disso, Madame Duret foi tão encantadora quando a conhecemos na última primavera... Você parecia animada quando falamos disso pela primeira vez.

— Foi quando achei que a Tracy ia também — disse Kit. — Ainda não entendo por que eu não posso ir para a Europa com você e com o Dan. Eu não vou incomodar. Tenho dezesseis anos. Sei me cuidar.

— Kit, chega. — Havia algo cortante na voz de Dan. — Nós já discutimos isso mil vezes. Eu sei que o seu lugar na família tem sido diferente do lugar da maioria das meninas; quando vocês duas estavam sozinhas, a sua mãe tratava você mais de igual para igual do que como uma criança. Você é teimosa, independente e muito acostumada a decidir as coisas. Mas você *não* vai junto para a nossa lua de mel.

— Mas eu não entendo... — começou Kit.

Dan a interrompeu.

— Já chega. Você está perturbando a sua mãe.

Ele saiu do carro, encheu o tanque e foi lá dentro pagar. Kit e a mãe ficaram em silêncio até ele voltar, entrar no carro e dar a partida no motor. Então, entraram na rua indicada pelo frentista e passaram pela quadra de comércio e por mais duas quadras de casinhas brancas; depois, por uma ponte em cima de um rio estreito em que a água rodopiava, em espumoso tumulto, por entre pedras acinzentadas. A cidade tinha ficado para trás, e eles começaram a subir.

A vegetação ia ficando mais densa dos dois lados da estrada à medida que os campos cediam espaço ao bosque. Fortes, escuras e ainda com cheiro de verão, as árvores entre-

laçavam seus galhos de um lado a outro da via. *Como guardas*, pensou Kit, *protegendo alguma coisa*.

Ela cresceu na cidade grande e nunca teve a chance de conhecer muitas árvores, tirando aquelas no parque e as poucas pequenas e magras na frente da biblioteca pública. Se você olhasse para as árvores lá da cidade com atenção, conseguiria visualizar as estações em suas folhas, que eram de um verde translúcido na primavera e iam perdendo a cor, enrugando e caindo com o gelo do outono.

As árvores pelas quais eles passavam agora eram diferentes, estranhas e selvagens; tinham uma vida própria, só delas. Árvores do campo. Árvores da montanha.

— Não existe nada mais lindo que o norte do estado de Nova York no outono — comentou a mãe de Kit quando o folheto que descrevia Blackwood chegou pelo correio. — A escola parece perfeita. Poucos alunos, bem selecionados, aulas individuais de música e de arte e todo tipo de estudo avançado que você não teria numa escola pública. Ao se formar em Blackwood, Kit, você vai conseguir entrar em qualquer universidade do país.

— Essa Madame Duret tem um currículo impressionante — acrescentou Dan, estudando os textos do material. — Foi dona e diretora de uma escola para meninas em Londres e, antes disso, de outra em Paris. Ela tem um conhecimento impressionante de arte. Eu me lembro de ler um artigo dela uma vez na *Newsweek*. Um dos quadros que ela comprou num leilão era de Vermeer.

— Tracy vai achar isso interessante — disse Kit. Sua melhor amiga, Tracy Rosenblum, se considerava artista.

— Eu me pergunto — disse, cuidadosamente, a mãe de Kit — se os Rosenblum não achariam uma boa mandar a Tracy para Blackwood. Com certeza eles podem pagar, e vocês duas sempre foram inseparáveis.

— Você acha que eles aceitariam? — O entusiasmo de Kit subitamente aumentou. Ela e Tracy eram amigas próximas desde o primário. Ir para um colégio interno não seria tão ruim se Tracy fosse junto.

Assim, por seis semanas ela se deixou levar, aceitando o que viesse: o casamento da mãe com Dan, o plano deles de passar a lua de mel na Europa, as provas intermináveis que eram necessárias para entrar em Blackwood... Tudo na confiança de que logo estaria livre daquilo, fugindo dali com sua melhor amiga.

Então, veio a notícia de que Tracy não tinha sido aceita. Kit ficou sem chão.

— Não vou! — gritou ela. — Não vai ter a menor graça sem a Tracy. — Mas, pela primeira vez na vida, ela se deparou com uma teimosia que dava de igual para igual com a dela.

— Claro que vai — disse Dan, com firmeza. — Você vai fazer novas amizades. Conhecendo você, aliás, não vou ficar surpreso se for eleita presidente do grêmio na primeira semana lá. — Ele sorriu, mas o tom de sua voz não deixava espaço para discussão.

Kit tinha se agarrado a uma última esperança – a de que sua mãe poderia interceder em seu favor –, mas esse pensamento desaparecia a cada quilômetro percorrido. Agora eles estavam na última etapa da viagem, com Blackwood a alguns

minutos de distância. Não havia mais como voltar atrás. Era hora de enfrentar o inevitável.

Eles quase passaram direto pela entrada da estrada particular, porque não era asfaltada. Dan pisou no freio, parou o carro e deu ré.

— Será que é por aqui? — perguntou ele, franzindo o rosto. — Não tem indicação. Achei que haveria alguma placa avisando.

— Vamos tentar — sugeriu a mãe de Kit. — Já andamos dezesseis quilômetros e não apareceu nenhuma outra estrada.

— Não deixamos passar, acho. — Dan pegou o desvio, e Kit sentiu os pneus afundarem um pouco no solo rico e úmido.

Eles seguiram devagar por vários metros; então, a estrada fez uma curva e as árvores se fecharam atrás deles. Era como se a autoestrada nunca tivesse existido. Agora, estavam num mundo frio de trevas, em que o único som era o farfalhar das folhas e o único cheiro era a fragrância doce e selvagem da terra e do mato.

— Não pode ser aqui — disse Dan.

Eles continuaram lentamente pelo caminho, enquanto a estrada dava voltas e mais voltas; de repente, avistaram uma cerca de estacas altas, com um portão aberto. O cascalho crepitava embaixo das rodas.

— É aqui — exclamou Kit. Surpresa, ela acabou pensando alto — Olha ali a placa: Blackwood!

Por um instante, ela esqueceu que não queria estar ali e simplesmente se ajeitou no banco do carro, observando de olhos arregalados a vista diante deles. Ali, numa elevação à

frente, havia uma casa como ela nunca tinha visto, nem mesmo em seus sonhos mais estranhos.

Era enorme, com três andares e um telhado negro tão íngreme que parecia cair, não se inclinar na direção da borda. As paredes eram feitas de pedras cinza, e não havia duas delas que fossem do mesmo tamanho e formato; estavam dispostas umas sobre as outras, encaixando-se como um quebra-cabeça infantil. A imensa porta da frente era ladeada por leões de pedra, e os degraus que levavam à rampa de acesso eram feitos da mesma rocha. No meio do segundo andar, havia uma janela recuada, com vitrais. As demais janelas eram de construção mais comum, mas o sol do fim da tarde batia nelas naquele instante, de modo que o interior da mansão parecia incendiado por chamas alaranjadas.

— Meu Deus! — exclamou Dan, soltando o fôlego em seguida, num grave assobio. — Kit, você vai é se dar bem por não ir com a gente para a Europa. Vai morar num castelo.

— No folheto não era assim — disse Kit. — Ou era?

Ela tentou se lembrar da foto da escola que aparecia no material, mas não conseguiu. Tinha a impressão de que a foto era de um prédio bem normal, grande, claro, como deveria ser uma escola, nada de mais.

— A foto não fazia jus à casa — disse a sua mãe. — E pensar que isso um dia foi uma residência particular! É difícil imaginar que tipo de gente viveu aqui, tão no alto das montanhas, tão longe da cidadezinha mais próxima.

Dan engatou a primeira marcha e eles continuaram a subir a rampa de acesso.

Mas, por alguma razão, Kit sentia como se eles não estivessem percorrendo distância alguma. A casa continuava

parada acima deles, sem se aproximar mais do que quando viraram no portão. Era uma ilusão, ela sabia; tinha alguma coisa a ver com a curva da rampa de acesso e com o ângulo de aproximação, mas o carro parecia não estar se mexendo. Era como se a casa ficasse cada vez maior, estendendo seus grandes braços cinzentos para recolhê-los. Ela não conseguia tirar os olhos das janelas reluzentes, dançando diante dela como cem sóis em miniatura. Kit estremeceu com a sensação de um vento gélido soprando em seu coração.

— Mãe... — disse ela, baixinho, e depois, mais alto: — Mãe?

— Que foi, querida? — A mãe se virou para olhar para ela.

— Eu não quero ficar aqui — disse Kit.

— Olha só — disse Dan, sem paciência —, não adianta nada ficar insistindo nisso. Nós não vamos levar você para a Europa conosco. Ponto-final. É melhor aceitar isso, Kit. Sua mãe e...

— Não é isso — disse Kit, exaltada. — Não me importa onde eu vou ficar, Dan. Eu posso voltar para a cidade e morar com os Rosenblum enquanto você e a mamãe estiverem fora. Ou então vou para outro colégio interno. Acho que vários me aceitariam.

— Qual é o problema, querida? — perguntou a mãe, preocupada. — A casa é peculiar, mas é maravilhosa. Você vai se acostumar. Antes que você perceba, vai estar tão à vontade aqui quanto estava na Escola Pública 37.

— Eu nunca vou me sentir à vontade aqui! — gritou Kit. — Você não sente, mãe? Tem alguma coisa estranha. Esse lugar parece... — Ela não conseguia achar a palavra certa, por isso ficou calada enquanto a casa se aproximava, até ficar diante deles.

Dan parou o carro, saiu e deu a volta para abrir as portas.
— Aqui estamos — disse ele. — Pode saltar. Vamos falar com Madame Duret, e aí eu volto para pegar a bagagem.

Então, Kit encontrou a palavra que estava procurando: *amaldiçoado*.

minotauro

Capítulo 2

A mulher que abriu a porta era completamente cinzenta. Seu cabelo parecia palha acinzentada, puxado para trás, bem apertado, e ela tinha os olhinhos afiados de um rato cinza. Usava um vestido também cinza, de bainha baixa, coberto por um avental branco engomado.

Os olhos da mulher passaram rapidamente de Kit para a mãe e, depois, para Dan. Por um instante, a garota teve a impressão de que ela fecharia a porta na cara deles.

— Eu sou o sr. Rolland — disse Dan, impedindo que isso acontecesse. — Estas são minha esposa e a filha dela, Kathryn Gordy. Madame Duret nos espera.

— Hoje é segunda-feira. — A mulher de cinza falava com sotaque tão forte que era difícil compreender as palavras. — Até amanhã, a escola, ela não abre.

— Estamos cientes — disse Dan. — Combinamos que Kit chegaria um dia antes. A sra. Rolland e eu viajaremos amanhã e precisamos voltar de carro à costa leste hoje à noite.

— Não é hoje o dia — disse, outra vez, a mulher. — As aulas, elas ainda não começaram.

— Lucrécia! — Uma voz severa gritou do corredor. — Essas pessoas podem entrar.

Um instante depois, a empregada deu um passo para o lado e a própria Madame Duret postou-se emoldurada pelo caixilho, sorrindo um cumprimento.

Ela continua igual, pensou Kit, lembrando de quando a viram pela primeira vez. Tinha sido em maio, quando Madame fora à cidade aplicar as provas de admissão a Kit e a Tracy. Na época, ela já tinha um semblante imponente; agora, no cenário de Blackwood, era mais imponente ainda.

Madame Duret era uma mulher alta, com um metro e oitenta ou até um pouco mais, pele cor de oliva e um rosto chamativo, com as maçãs do rosto pronunciadas. Sua altura era aumentada pelo cabelo negro e lustroso, que ela usava alto, como se fosse uma coroa, e a força de seu rosto era acentuada pelas negras sobranceiras e pelo nariz reto e afiado. Mas seu traço mais marcante eram os olhos. Eles eram escuros, fundos, com uma expressão tão intensa que podia ser sentida quase fisicamente.

— Como é bom revê-la. — A voz de Madame era grave e graciosa, com uma levíssima sugestão de sotaque francês. — Por favor, perdoe-nos. Estávamos tão atribulados aqui nessa semana, com todos os preparativos para a chegada de jovens, que não tive a oportunidade de mencionar a Lucrecia que uma das meninas viria antes.

— Espero que não seja um grande inconveniente — disse a sra. Rolland. — É que viajamos amanhã num cruzeiro. Simplesmente não tinha como...

— Mas claro! Claro! Por favor, entrem. Vocês tiveram problemas para achar o lugar?

— Nem tanto — disse Dan. — Pegamos informações na cidade.

Seguiram Madame Duret enquanto ela ia por um corredor com pé-direito alto e arqueado, chegando a uma sala de mobília agradável e tv de tela plana.

— Por favor, sentem-se. — Madame indicou as cadeiras. — O que eu posso oferecer a vocês? Café, talvez... Ou vinho? Que tal uma taça de xerez?

— Seria ótimo — disse Dan. — Ginny?

— Ótimo — disse a mãe de Kit. — Obrigada. Realmente, Madame Duret, como é fantástico este lugar. Foi mesmo a residência de alguém?

— De fato, foi — disse Madame. — Lucrécia! — Ela se dirigiu à pequena mulher cinza, que tinha aparecido sem fazer nenhum ruído, como se atendesse a um chamado silencioso. — Por favor, traga três taças de xerez e uma Coca-Cola. Kathryn, você aceita um refrigerante?

— Sim, por favor — disse Kit, timidamente.

— Esta propriedade inteira — continuou Madame, voltando-se outra vez para os Rolland — era de um homem chamado Brewer, que faleceu há mais de dez anos. Desde então, ficou vazia. Os herdeiros, primos distantes, ao que parece, vivem na costa oeste e a deixaram nas mãos de um corretor. Ninguém quis comprá-la, o que é compreensível; não é uma residência comum para uma família, como vocês podem ver, e, tendo ficado vazia esse tempo todo, a reputação da casa ficou um pouco peculiar. Os adolescentes da cidade vinham namorar aqui e voltavam para casa contando todo tipo de história esquisita, falando de luzes nas janelas e de criaturas sem corpo flutuando no jardim. — Ela riu, e os Rolland riram junto.

— Parece emocionante — disse a mãe de Kit. — Espero que minha filha mande cartas fantásticas contando suas aventuras aqui.

A conversa foi interrompida no momento em que Lucrecia chegou com a bandeja. Kit pegou seu copo, contente por ter o que fazer com as mãos. O terrível sentimento que se abatera sobre ela no primeiro momento em que vira Blackwood tinha, em certa medida, desaparecido, mas a sombra dele ainda permanecia.

— Quantas alunas serão? — perguntou ela.

— Nunca sabemos com certeza — disse Madame Duret. — Temos sempre as que desistem no primeiro dia por ficarem com saudades de casa e dos pais. Vamos saber a contagem final na orientação de amanhã. Pessoalmente, acho que sair de casa para estudar é uma experiência educacional que deveria fazer parte da vida de toda moça.

A conversa continuou, e Kit ficou ali, sentada, bebendo sua Coca-Cola, ouvindo sem muita atenção. *Amanhã*, pensou, *haverá outras meninas nesta sala*. Talvez, com as vozes jovens soando pelos corredores, rindo, conversando e vendo a tv gigante, a atmosfera em Blackwood fosse diferente. Talvez, como Dan tinha sugerido, houvesse entre as recém-chegadas alguém que fosse o tipo de amiga que Tracy era: próxima, companheira e sempre pronta para a diversão.

Dan olhou o relógio.

— Detesto apressar as coisas, mas ainda temos muita estrada pela frente. Melhor eu sair e pegar as malas de Kit.

— Lucrecia vai mostrar onde colocá-las. — Madame Duret levantou-se da cadeira. — Enquanto o senhor pega a bagagem, talvez a sra. Rolland aprecie uma volta rápida por Blackwood.

— Eu adoraria — disse-lhe a mãe de Kit. — É uma mansão antiga e fascinante. A senhora fez muitas reformas?

— Nem tanto, sabia? — respondeu Madame, seguindo pelo corredor. — O prédio original era bem construído. Só precisamos mesmo restaurar parte da ala superior dos dormitórios, onde uma vez houve um incêndio. A estrutura de pedra suportou bem, mas o revestimento de madeira foi queimado e a mobília precisou ser trocada. Tentei o máximo que pude reproduzir o estilo das peças originais.

Enquanto seguia pelo corredor, indicava várias portas, umas fechadas, outras abertas.

— O cômodo do qual acabamos de sair é a sala de estar, ou, como eu prefiro chamar, a sala de visitas. A porta aqui à direita leva ao meu escritório, e depois dele ficam os aposentos que divido com Jules, meu filho. Há uma residência de hóspedes atrás da casa, que foi convertida em apartamentos para os demais membros do corpo docente. Aqui é a sala de jantar. No canto, fica a entrada para a cozinha. Estas portas levam às salas de aula.

Ela parou perto de uma porta, abriu-a e acendeu a luz. Um pequeno piano de cauda ocupava um canto inteiro do cômodo, enquanto a parede oposta estava coberta por diversos instrumentos musicais. Estantes para partituras, cadeiras confortáveis e um sistema de gravação estranhamente moderno completavam o cenário.

— Esta, é claro, é a sala de música. Você tem inclinação para a música, Kathryn?

— Fiz um ano de piano — disse Kit —, quando tinha onze anos. Não posso dizer que eu era boa.

— Você só foi impaciente — disse a mãe. — Não se dedicou a praticar. Espero que aqui em Blackwood você aproveite a chance de estudar música. É uma coisa que vai te dar prazer a vida toda.

— Dedicamos muito tempo e muito esforço ao estudo das artes — disse Madame, desligando a luz e fechando a porta. — Se a senhora tivesse mais tempo, sei que adoraria conhecer os livros da nossa extensa biblioteca. As pinturas na casa representam meu hobby de colecionar obras pouco conhecidas de artistas famosos. Mas vejo que a senhora está mais interessada em ver onde Kathryn vai morar.

A escada era curva, e lá no alto um imenso espelho parecia dobrar o comprimento do corredor do outro andar. No fim do corredor, ficava o vitral que tinha chamado atenção quando Kit, Dan e Ginny estavam se aproximando da casa; o sol passava por ele, iluminando o espaço com as cores de um arco-íris.

Uma série de portas dava para o corredor dos dois lados. Madame Duret parou na frente de uma delas, vasculhou o bolso da saia procurando uma chave e inseriu-a na fechadura de bronze. Virou-a, retirou-a e entregou a chave a Kit.

— Aqui em Blackwood acreditamos em privacidade — disse ela. — Cada aluna tem a chave de seu próprio quarto e é incentivada a manter o ambiente trancado quando não está nele. Aqui, Kathryn, vai ser onde você vai fazer seu ninho.

Ela abriu a porta, e Kit ouviu a mãe respirar fundo. Ela mesma não pôde conter um arquejo de surpresa, porque o quarto era muito mais sofisticado que qualquer coisa que ela poderia imaginar.

A maior peça de mobília era uma cama de madeira escura talhada, com um alto dossel de veludo vermelho. Ao lado, havia uma pequena mesa e uma ornamentada luminária, com candeeiro franjado. Pesados panos dourados ladeavam uma janela e, contra a parede oposta, estava uma cômoda de nogueira, sobre a qual havia um espelho oval com moldura

dourada. O chão era coberto por um tapete persa, e debaixo da janela havia uma escrivaninha de abrir com outra luminária, para estudo.

— Esse quarto está muito longe da imagem que eu tenho de um dormitório escolar! — exclamou a sra. Rolland.

— É muito bonito — concordou Kit, perplexa. Ela ensaiou estender a mão para acariciar a colcha. — É veludo de verdade?

— É, sim — disse Madame Duret. — Queremos que Blackwood seja mais que uma mera escola para nossas alunas; queremos que seja uma experiência a levar consigo por muito tempo. Acreditamos que a beleza enriquece o espírito e que os jovens deveriam aprender a estar à vontade com coisas bonitas.

— Mas só tem uma cama — a questão surgiu subitamente para Kit. — Eu não vou ter uma colega de quarto?

— Não em Blackwood — disse Madame. — Todas as alunas têm quarto e banheiro privativos. Eu acho que a privacidade ajuda a estudar, e você?

— Acho que sim — disse Kit, recordando os planos que ela e Tracy tinham feito de dividir um quarto. Era verdade que elas provavelmente teriam mais conversado que estudado, mas teria sido divertido.

— Olá! — chamou Dan, do alto da escada. — Estou com algumas malas aqui que parecem estar cheias de tijolos. Onde é para colocar?

— Aqui, querido — respondeu Ginny. — Venha ver o quarto da Kit. Você não vai acreditar!

— Uau! — Dan apareceu na porta, carregando uma mala em cada mão. — Parece mais um palácio que uma escola. Aqui você não vai conseguir deixar suas coisas espalhadas, Kit.

— Nós confiamos que nossas alunas vão cuidar de seus quartos — disse Madame Duret, com tranquilidade. — Agora, se vocês me dão licença, preciso descer e discutir o jantar com a equipe da cozinha. Nunca jantamos tarde, Kathryn, porque a menina que cozinha mora na cidade e volta dirigindo para casa toda noite. O jantar será servido às seis e meia no salão.

— Tudo bem — disse Kit. — Obrigada.

— Obrigada, Madame Duret — disse a mãe de Kit. — Passaremos lá para nos despedir.

Eles todos ficaram parados em silêncio, ouvindo os passos rápidos e fortes da diretora, enquanto ela ia apressada corredor afora.

— Que mulher — comentou Dan, em voz baixa. — Imagine o trabalho que ela deve ter tido para transformar esse lugar tão antigo numa escola moderna.

— Impressionante, com certeza. — A mãe de Kit voltou-se para ela. — Querida... — Quando puxou a filha para si, Kit notou o tom de súplica em sua voz. — Querida, você vai ficar feliz aqui, não vai? Eu não vou aproveitar um instante da viagem se achar que você não está bem. Nós *podemos* arrumar outra coisa, mesmo que isso signifique fazer outro cruzeiro, depois. Sua felicidade é a coisa mais importante para mim.

Naquele momento, Kit sentiu seu ressentimento ir embora. Ela tinha vencido, mas não poderia tirar proveito da vitória. Com os braços em volta da mãe, ela lhe deu um abraço caloroso.

— Claro que eu vou gostar daqui — disse ela, com a voz suave. — Espero que você e o Dan tenham uma lua de mel maravilhosa. Você merece, mãe, mais que todo mundo. Desculpe por eu ter sido tão chata. Ficarei feliz aqui, prometo.

Havia algo que a perturbava, no fundo de sua mente. Mas Kit resolveu deixar por isso mesmo. De todo modo, não era realmente importante saber por que a porta de seu quarto em Blackwood tinha uma tranca do lado de fora... mas não do lado de dentro.

minotauro